

O LUCRECIANO DE RERVM NATVRA E O HINO A VÊNUS

Maria da Glória Novak
FFLCH-USP

Résumé

On se demande toujours pourquoi le matérialiste Lucrèce nous présente Vénus au début de son poème: une Vénus qu'il invoque et qu'il désire comme compagne de sa création littéraire, une Vénus à qui il ne demande pas moins que la paix.

Qu'est-ce que cela peut bien signifier pour le Poète d'invoquer une déesse, si l'épicurisme ne suppose aucune sorte de protection divine?

On a beau dire qu'il est incohérent, je ne le crois pas.

Au contraire, le **De rerum natura** est tout à fait cohérent: et d'une cohérence interne et d'une cohérence d'avec l'épicurisme. Le poème nous le démontre à chaque instant dans ses exemples, dans ses développements, et surtout dans sa ligne maîtresse.

La vie commence par le plaisir et se termine par la mort: et de même fait le poème: Vénus, le plaisir, l'origine de la vie, au début du **De rerum natura**; la peste d'Athènes, la terreur, la mort à la fin du poème.

Ce n'est donc pas la déesse qu'invoque le Poète, au début de son ouvrage: c'est le plaisir, c'est la force créatrice de la nature, c'est la vie.

1 Aeneadam genetrix, hominum diuomque uoluptas,
 alma Venus, caeli subter labentia signa
 quae mare nauigerum, quae terras frugiferentis
 concelebras, per te quoniam genus omne animantum
 5 concipitur, uisitque exortum lumina solis,
 te, Dea, te fugiunt uenti, te nubila caeli
 aduentumque tuum, tibi suauis daedala tellus
 summittit flores, tibi rident aequora ponti,
 placatumque nitet diffuso lumine caelum.

10 Nam simul ac species patefactast uerna diei,
 et reserata uiget genitabilis aura Fauoni,
 aëriae primum uolucres te, diua, tuumque
 significant initum percussae corda tua ui.
 Inde ferae, pecudes persultant pabula laeta,
 5 et rapidos tranant amnis: ita capta lepore
 te sequitur cupidè quo quamque inducere pergis.
 Denique per maria ac montis fluuiosque rapacis,
 frondiferasque domos auium camposque uirentis,
 omnibus incutiens blandum per pectora amorem,
 20 efficis ut cupide generatim saecla propagent.

Quae quoniam rerum naturam sola gubernas,
 nec sine te quicquam dias in luminis oras
 exoritur, neque fit laetum neque amabile quicquam,
 te sociam studeo scribendis uersibus esse
 25 quos ego de rerum natura pangere conor
 Memmiadae nostro, quem tu, dea, tempore in omni
 omnibus ornatum uoluisti excellere rebus.
 Quo magis aeternum da dictis, diua, leporem.

Effice ut interea fera moenera militai
 30 per maria ac terras omnis sopita quiescant.

Nam tu sola potes tranquilla pace luare
 mortalls, quoniam belli fera moenera Mauors
 amipotens regit, in gremium qui saepe tuum se
 relcit, aeterno deulctus uolnere amoris,
 35 atque ita suspiciens tereti cerulce reposta
 pascit amore audos inhians in te, dea, uisus,
 eque tuo pendet resupini spiritus ore.

Hunc tu, diua, tuo recubantem corpore sancto
 circumfusa super, suaui ex ore loquellas
 40 funde, petens placidam Romanis, incluta, pacem.
 Nam neque nos agere hoc patriae tempore iniquo
 possumus aequo animo, nec Memmi clara propago
 talibus in rebus communi desse salutē.

Omnis enim per se diuom natura necessest
 45 Inmortali aeuo summa cum pace fruatur,
 Semota ab nostris rebus seiunctaque longe.
 Nam priuata dolore omni, priuata periculis
 Ipsa suis pollens opibus, nihil indiga nostri,
 Nec bene promeritis capitur, nec tangitur ira.¹

Este é o hino a **Vênus**, que inicia o lucreciano *De rerum natura*, e no qual estudiosos de todos os tempos têm visto como que uma incoerência do Poeta, materialista e, segundo eles, ateu. Ora, os dois últimos epítetos de Vênus na invocação, **Dea** e **Diua**, parecem afirmar que Vênus existe, é divina, é Deusa. Em que sentido a invocaria o Poeta? Como pôde o *De rerum natura* iniciar-se com um pedido de proteção divina se, como afirma o seu Autor (I 44-9), os Deuses vivem separados e desligados dos nossos assuntos? E como explicar no hino a Vênus a presença de Marte, senhor das armas, poder destruidor, muitas vezes mas não sempre vencido pela ferida do amor (31-2)? Uma das grandes dificuldades na interpretação da Vênus destes versos prende-se exatamente ao seu poder sobre a guerra. E como entender a idéia da proteção de Vênus a Mêmio? Como explicá-la se os Deuses são indiferentes à vida humana?

Antes de prosseguir, lembremo-nos de que Tito Lucrécio Caro é epicurista; parece-me importante procurar entender o sentido do hino a Vênus de acordo com o seu pensamento e a sua filosofia. Pensamento e filosofia que, no que diz respeito aos Deuses, os versos 44 a 49, que seguem imediatamente a invocação e se repetem no segundo livro (646-51), deixam claros: os Deuses, bem aventurados e distantes, são o modelo do nosso comportamento mas não interferem na nossa vida. O epicurismo não supõe nenhum tipo de proteção divina. Essa é a idéia que deve conduzir-nos o raciocínio: a presença de Vênus a iniciar o *De rerum natura* tem profunda significação e deve ser entendida no contexto geral do poema e, sobretudo, à luz da filosofia do seu Autor.

Antes de mais, parece-me importante verificar a composição do hino a Vênus. A seguir, destacar as hipóteses mais comuns de explicação da presença de Vênus e de

1 – Texto estabelecido por Emout (1978).

Marte e discutir essas hipóteses. Depois, só depois, nos parecerá claro o sentido da invocação.

Esta compreende os quarenta e três primeiros versos do próêmio do *De rerum natura*, além dos versos 44 a 49, que muitos estudiosos têm considerado como interpolados, não lhes entendendo a presença nesse passo. Destacam-se quatro grandes blocos ou partes no hino a Vênus.

Primeira parte.

Os vinte primeiros versos consistem numa invocação à Vênus **Genetrix, Voluptas, Alma**, graças à qual são concebidos os seres vivos. Podem ver-se aí dois segmentos.

Primeiro. Nos versos 1 a 9, mostra-nos o Poeta uma imagem de prazer:

“Geradora dos descendentes de Enéias, Prazer dos homens e dos Deuses, Vênus Criadora, que, sob os astros deslizantes do céu, enches com tua presença o mar portador de navios e as terras que produzem as messes, visto que graças a ti são concebidas e, tendo nascido, contemplam as luzes do sol todas as espécies de seres vivos, a ti ó Deusa, fogem-te os ventos; a ti e à tua chegada fogem as nuvens do céu; a terra, como um Dédalo, oferece-te flores suaves; as águas do mar te sorriem e, aplacado, brilha o céu com luz difusa”.

Notar os vocativos nos dois primeiros versos, **Genetrix, Voluptas, Alma Vênus**, e no sexto verso, **Dea**; voltaremos a eles. E notar a presença da segunda pessoa: no verso 4, **per te**; nos versos 6 a 8, **te Dea, te, te aduentumque tuum, tibi, tibi**, o que representa ênfase sobre o **per te quoniam** do verso 4: “visto que é graças a ti, por ti, só por ti, por ninguém mais”. Notar ainda, no verso 4, a expressão **genus omne**, que inclui o homem. Este não é referido particularmente nas imagens de prazer da invocação, mas apenas incluído entre as espécies vivas: aqui neste passo em **genus omne**, e no verso 19 em **omnibus**. Notar ainda, no verso 7, a expressão **daedala tellus**. A idéia é de criação: a terra, como Dédalo, cria.

Segundo. Nos versos 10 a 20, imagem da primavera em três momentos: anúncio, procura e encontro de Vênus.

1. À chegada da primavera (v. 10-3), anúncio de Vênus:

“Na verdade, logo que se revela a face primaveril do dia e, livre, se fortalece a brisa fecunda do Favônio, primeiro os pássaros do ar te anunciam, Divina, e anunciam a tua aproximação, com os corações abalados pela tua força”.

Notar, ainda aqui, a expressão da segunda pessoa: **te Diva tuumque initum, tua ul** (v. 12-3): presença de Vênus. Não se trata de uma invocação a um ser abstrato mas a algo que está fortemente presente: **tua ul**. Vênus anuncia-se com força.

2. Nos versos seguintes (14-6), procura de Vênus; imagem de encanto, desejo, sedução:

"A seguir, feras e rebanhos saltam através de férteis pastagens e atravessam a nado rápidas correntes: assim, cada um, tomado de encanto, segue-te chelo de desejo, aonde quer que o leves".

Notar a expressão verbal **Inducere pergis**: é a segunda ocorrência de verbo na segunda pessoa; a primeira (**concelebras**, v. 4) tem um alcance mais generalizado: Ir-radia-se por todos os mares e todas as terras; a segunda particulariza o seu domínio: cada fera, cada animal individualizado pelo **quamque** do verso 16; tão individualizado que o predicativo **capta** está no singular e naturalmente também o verbo, **sequitur**. O Poeta antecipá no verso 15 a singularização do verso 16.

3. Finalmente, nos versos 17 a 20, encontro de Vênus, imagem de amor natural:

"Ao fim, pelos mares e pelos montes e pelos rios rapaces e pelos frondosos lares das aves e pelos campos verdejantes, instilando em todos os peitos envolvente amor, fazes com que, cheias de desejo, se propaguem, geração a geração, as raças".

Observar no verso 20 a terceira forma verbal na segunda pessoa: **efficis**; no verso anterior o **modus faciendi**, **omnibus incutiens blandum per pectora amorem**, entendendo-se aqui **amor** no sentido natural de "desejo de prazer", que é um desejo inconsciente de reprodução e fere todas as espécies vivas.

Os versos 10 a 20, sozinhos, constituiriam um poema: retomando os versos 4 e 5, terminam com a reafirmação da ação de Vênus e discriminam as espécies compreendidas no verso 4, apresentando-as numa sucessão que corresponde à ordem, por assim dizer, de resposta ao estímulo de Vênus: primeiro as aves (10-3), a seguir, feras e rebanhos (14-6), enfim, todos (17-20): os peixes, os répteis, os batráquios e o homem e também, certamente, os invertebrados.

Na verdade, os versos 10 a 20 não só retomam os versos 4 e 5 mas, ainda, justificam os versos 6 a 9: os ventos fogem e fogem as nuvens; a terra oferece flores, e sorriem as águas do mar, e brilha o céu. Por quê? – Porque Vênus faz com que se propaguem as raças.

Segunda parte.

Os versos seguintes (21-8) consistem numa transposição do poder criador de Vênus para a arte poética, visto que a Deusa governa sozinha a criação. Destaca-lhe o Poeta a responsabilidade e, a seguir, faz o seu pedido, após expressar o seu desejo:

"Visto que, sozinha, governas a natureza dos seres e que sem ti nada surge para as claras regiões da luz e nada se torna fértil ou amável, desejo que me sejas companheira no escrever estes versos, que eu começo a compor sobre a natureza dos seres para meu amigo, filho dos Mênios, que tu mesma, Deusa, quiseste sempre que se enaltecêsse, dotado de todos os bens. Por isso, tanto mais dá às minhas palavras, Divina, eterno encanto".

Notar, no verso 21, o segundo **quoniam**, que retoma o do verso 4: "visto que por ti são concebidas / visto que sozinha governas o mundo vivo". De fato, Vênus não é só responsável pela concepção mas também pelo comportamento dos seres vivos. Há uma progressão af: passando pelos versos 13 (**perculsae tua ui**) e 16 (**te sequitur**

cupide). Entretanto é preciso observar que Vênus não se impõe aos mortais: eles a seguem. No verso 21, **gubernas** é a quarta forma verbal na segunda pessoa; conclui a idéia: **concelebras, inducere pergis, efficis: sola gubernas.**

Notar ainda, no verso 24: **te sociam studeo**, "desejo que me sejas companheira" – prenúncio do primeiro pedido que faz o Poeta. Visto que Vênus, tendo como arma o encanto (**lepus**, v. 15), governa sozinha toda a criação, o Poeta pede-lhe encanto para os seus versos: **da dictis, Diva, leporem** (v. 28). Aqui a primeira forma imperativa; e está ligada à criação poética.

Inserido na imagem artística, o elogio de Mêmio, que Vênus enaltece.

Terceira parte.

Nos catorze versos seguintes (29-43), é paz o que o Poeta pede à Deusa amada de Marte, senhor da guerra: paz, condição de criação poética e estudo. Podemos ver aí uma tripartição.

Primeiro. Nos versos 29 e 30, segundo pedido a Vênus, e este é o primeiro pedido de paz:

"Faze com que, entretanto, as ferozes operações militares, por todos os mares e terras, descansem adormecidas".

Notar a segunda forma imperativa do texto (**effice**, v.29) e observar que o verbo é **efficio**, o mesmo do verso 20: "assim como, instilando em todos os peitos envolvente amor, fazes com que /.../, assim também faze /.../": em outras palavras, "desperta nos corações envolvente amor e afasta-os da guerra".

Observar ainda, no verso 30, a expressão **per maria ac terras**, eco do terceiro verso (**mare nauigerum, terras frugiferentis**), a indicar o domínio de Vênus. Observar também, no verso 29, o advérbio **interea**, significando "enquanto isso, enquanto escrevo o meu poema".

Segundo. Nos versos 31 a 37, justificativa do pedido dos dois versos anteriores:

"Na verdade, só tu podes com tranqüila paz alegrar os mortais, visto que os ferozes trabalhos da guerra, quem os dirige é Marte, senhor das armas, que muitas vezes se reclina ao teu seio, vencido pela ferida eterna do amor; e, assim, apoiada a nuca bem torneada, erguendo o olhar, alimenta de amor os ávidos olhos, desejando-te ardentemente, ó Deusa: e, inclinado para trás, tem a respiração presa aos teus lábios".

Notar no verso 31 **sola**, como no verso 21: **rerum naturam sola gubernas / tu sola potes tranquilla pace iuuare mortalis**. Os versos 31 a 37 não apenas explicam o pedido de paz mas o justificam. E duas vezes aparece nestes sete versos o termo **amor**. Ao meu ver, com o mesmo sentido do verso 19, e que é o sentido mais simples: desejo de prazer.

Terceiro. Nos versos 38 a 43, segundo pedido de paz:

"Tu, Divina inclinando-te sobre ele e envolvendo-o, delgado, com teu corpo santo, derrama dos teus lábios palavras suaves, pedindo para os romanos, inclita, plácida paz, visto que nem podemos nós escrever tranquilamente estes versos se a Pátria vive momentos de iniquidade, nem a raça ilustre de Mêmio pode faltar, em tais circunstâncias, ao interesse comum".

Observar, no verso 40, a terceira forma imperativa: **funde**. A primeira (**da**, v. 28) ligada à criação poética: a segunda (**efficæ**, v. 29) e a terceira ligadas à paz, indispensável à criação e à vida. O verbo é **fundo**, que aparece também no verso 39, em **circumfusa**. Notar, ainda no verso 40, a segunda ocorrência do termo **pax** (a primeira no verso 31). Até o verso 28, a idéia maior é "criação": reprodução das espécies e criação poética. A partir do verso 29, a idéia maior é "paz": idéia que se desenvolve: da alegria efêmera dos mortais (v. 31-2), passando pela precária paz representada pela imagem de Vênus e Marte, para chegar à paz absoluta e eterna dos Deuses, modelo da paz humana.

Quarta parte.

Ao fim (v. 44-9), imagem dessa paz absoluta e eterna:

"De fato, é inevitável que toda a natureza dos Deuses, por si mesma, frua a eternidade na mais perfeita paz, totalmente separada e desligada dos nossos assuntos, pois, livre de toda dor, livre de perigos, ela mesma poderosa pelos seus próprios recursos, não precisando de nós para nada, nem é cativada por atos meritórios nossos nem tocada pela ira".

Alguns estudiosos resolvem a situação destes versos considerando-os interpolados. Outros, supondo ou não lacunas, buscam explicá-los ligando-os ao que precede por meio do **enim** do verso 44, **enim** não só afirmativo como também explicativo.

Não pretendendo eu, embora, entrar no mérito da questão altamente polêmica da localização destes versos – se são ou não interpolados visto que se repetem no segundo livro (646-51) –, gostaria apenas de mostrar que não só descrevem o comportamento dos Deuses mas, ainda, explicam por que só a Vênus da invocação pode com tranqüila paz alegrar os mortais (v. 31-1) e pode pedir paz ao guerreiro (v. 39-40): porque os Deuses não podem; e por que Mêmio não pode faltar à luta se a Pátria vive momentos de iniquidade: porque os Deuses não podem ajudá-la.

Com muita propriedade, parece-me, observa Giaccotti:

Il disputato **enim** è chiaramente e naturalmente esplicativo. Il nesso è sottolineato dal riscontro fra **talibus in rebus** del v. 43 e **ab nostris rebus** del v. 46 [...]².

Vejamos agora as hipóteses mais comuns de explicação da presença de Vênus e de Marte nos primeiros versos do **De rerum natura**.

Primeira. Pertence à tradição literária invocar Deus(es) no início dos poemas, e a invocação seria, pois, artística além de religiosa.

Segunda. Vênus, mãe de Enéias, é a mãe dos romanos. Isso explicaria não só a sua presença no **De rerum natura** mas também, ao seu lado, a presença de Marte, o pai.

Terceira. **Genetrix** é a Vênus de César, e o Poeta a estaria invocando propositalmente. Júlio César teria sido epicurista, e a invocação à **Genetrix** representaria a simpatia de Lucrécio. Essa é a opinião de Grimal³, da qual no entanto discorda Boyancé, afirmando que semelhante alusão não pertence ao espírito de Lucrécio nem ao epicurismo⁴.

2 – (1978: 222.)

3 – (1977: 233.)

4 – (1963: 14 n.2.)

Quarta. Vênus se tem também como protetora dos Mêmios, visto que está nas moedas da gens, coroada por Cupido. Nada mais natural que, por isso, a invocasse o Poeta.

Quinta. Vênus tem, entre os romanos, o epíteto *Physica*, e seria essa a *Genetrix* invocada.

E **sexta.** Lucrécio estaria pensando num dos seus modelos poéticos, Empédocles. Este afirmara que "pelo Ódio tudo se destrói e se divide; que pela Amizade tudo se une e reciprocamente se deseja". Que "ora vence o primeiro, ora a segunda". E que "todas as formas mortais nascem das uniões de Afrodite" (DK 31 B 21-71).

Podemos descartar imediatamente a terceira hipótese. A invocação nada tem a ver com a *Genetrix* de César: o Poeta não invocaria a Vênus de um Sísifo⁵. E também a quarta. Ainda que Mêmio, o destinatário do poema, esteja presente no hino a Vênus, e ainda que seja difícil explicar os dois versos que o referem, veremos que é outro o sentido da invocação. Descartemos, igualmente, a segunda hipótese. A Vênus do *De rerum natura* não é mãe só dos romanos.

Restam-nos a primeira, a quinta e a sexta hipóteses.

Vejamos a primeira. O *De rerum natura* é um poema, e o Poeta, fiel à tradição literária, dedicaria os seus primeiros versos a Vênus. Essa invocação artística, porém, não pode ser uma invocação religiosa.

A sexta hipótese é verossímil: Lucrécio poderia estar pensando no seu modelo poético, Empédocles, divinizado no primeiro livro (717-33).

E, enfim, a quinta hipótese é plausível. De fato, parece bem caracterizada no poema a *Vênus Physica*. Esta é, em Roma, o amor natural, responsável pela propagação das espécies. Realmente, nos primeiros vinte e três versos da invocação, Vênus é a Criadora inconteste. E não só na invocação mas em todo o poema. Lê-se, por exemplo, ainda no primeiro livro (227-8):

**unde animale genus generatim in lumina uitae
reducit Venus [...]** ?

"De onde traz Vênus as espécies animais, geração a geração, à luz da vida?"

Entretanto, veremos que essa Vênus Criadora não é exatamente a *Venus Physica*.

Examinemos os epítetos de Vênus.

1. *Aeneadum Genetrix* (v. 1),

"Geradora dos descendentes de Enéias".

Este foi, desde cedo, epíteto consagrado de Vênus. Escreve Ênio: *Venus et Genetrix patris nostri* (Ann. 52). Ora, se nos lembrarmos de que Ênio é um dos modelos poéticos de Lucrécio, veremos que não só a expressão nada tem de singular mas também a sua presença no *De rerum natura* nada tem de extraordinário. Entretanto, não devemos perder de vista que, segundo Lucrécio, como se vê nitidamente pela invocação, Vênus é geradora de todos os homens e de todos os seres vivos, não só dos romanos.

5 - Cf. *De rerum natura* III 995-1002.

2. *Hominum Diuomque Voluptas* (v.1),

"Prazer dos homens e dos Deuses".

Há dois pontos importantes com relação a este epíteto.

Primeiro. Alguns estudiosos querem ver na *Vênus lucreciana* o prazer identificado à paz: *uoluptas-pax-ataraxia*. Diz, por exemplo, Bailey, citando Bignone:

The sexual pleasure, which results in creation, is kinetic, the pleasure of peace and contemplation is static. The former is represented in the earlier part of the invocation, but in the latter Venus has become the pleasure of *ataraxia*, and it is naturally her function to grant peace to Rome [...]

Moreover the identification of Venus and *pax-uoluptas* makes far more natural the picture of her relation to Mars [...] ⁶.

Em primeiro lugar, segundo o Poeta, *Vênus* é primordialmente, ao nível da mortalidade, a força através da qual a natureza cria os seres vivos, força que é o prazer do amor natural, que, por sua vez, se inclui no prazer guia da vida, que todos os seres vivos procuram. Mostram-no claramente os versos 171 a 174 do segundo livro: negando a *Idéia* de que os Deuses hajam criado o mundo, e enumerando os nossos bens – as estações do ano, os meses – refere *Lucrecio* tudo aquilo de que o guia da vida, o prazer, aconselha os mortais a aproximar-se. Diz que ele, o prazer, conduz os homens e os encanta pelas artes de *Vênus*, levando-os a propagar as raças.

Por conseguinte, sendo embora o prazer, *Vênus* não é paz-*ataraxia*, o que, na invocação, os versos 31 a 40 – em que se encontram as duas primeiras ocorrências do termo *pax* – deixam claro: lê-se que *Vênus* pode trazer aos mortais a paz e pode pedi-la, mas nada leva a afirmar que *Vênus* se tome no prazer da *ataraxia* ou se transforme na paz. Ao contrário, a sua imagem, derretendo-se ao redor de *Marte*, é nitidamente uma imagem de amor natural.

Allás é fácil explicar que o prazer possa trazer a paz. Explicar, sem cair no simbolismo, que possa pedi-la não é tão fácil mas podemos entendê-lo: o guerreiro deseja ardentemente o prazer (v.36) e é muitas vezes ferido pela ferida do amor (v. 34). Que *Vênus* se lhe insinue no coração, a fim de que seja vencido mais uma vez e, entregue ao prazer, esqueça a guerra.

Ao meu ver, no entanto, é preciso distinguir bem o conceito de prazer quando se trata do epicurismo: o verdadeiro prazer epicúreo consiste na ausência de dor, na ausência de inquietação (II 16-9): isso é a paz-*ataraxia*.

Diz o Mestre que todos os seres vivos procuram instintivamente o prazer e fogem à dor, pois o prazer é o seu guia, como se lê também no *De rerum natura* (II 172). Diz ainda que o prazer é um bem primordial e congênito, inerente à natureza. Que precisamos dele quando a sua ausência nos faz sofrer mas que não precisamos quando não sofremos (*Men.* §128-9). Distingue o Mestre, dos desejos naturais, os desejos vazios, que são insaciáveis. Diz ainda que, dentre os desejos, todos aqueles cuja não satisfação não traz dor não são necessários (KD XXVI).

Ora, o desejo dos prazeres de Vênus é natural mas, se bem que necessário para a conservação das espécies (II 173-4), não é efetivamente necessário para a felicidade individual.

E mais. Se o prazer no epicurismo é ausência de dor e de inquietação, pode ser, isto sim, a tranqüilidade que se segue ao prazer de Vênus mas não o próprio prazer de Vênus. De fato, o prazer no epicurismo não está no beber ou no comer ou no vestir mas tão-somente em não ter sede ou fome ou frio.

Segundo. É comum ver-se na **Venus Voluptas** o poder criador da natureza. Bailey, por exemplo, afirma também:

Love is the cause of creation, so Venus is the life-giving power in the world⁷.

Ora, não há negar que o prazer cria; e, pois, **Venus Voluptas** é **Genetrix** (v.1). E a força criadora de Vênus, estende-a o Poeta a Calíope, Musa inspiradora, ou poder criador da poesia, atribuindo-lhe o mesmo epíteto, **Voluptas**, em nítida invocação ao prazer de criar (VI 94-5).

Na verdade, Vênus é efeito do princípio construtivo da natureza, que desperta nos seres vivos o desejo do prazer sexual e assim, de uns seres cria outros: a natureza os cria, Vênus é o seu **modus operandi**. O que é interessante observar é que, no que tange aos mortais, se confundem o princípio e o seu efeito: Vênus, enquanto prazer, é realmente poder criador.

Como, porém, explicar que seja também **prazer dos Deuses**? – Estes não se reproduzem como as espécies mortais; mas é também o princípio construtivo da natureza que os reconstitui eternamente, perpetuando-lhes a sua vida eterna de eterno prazer: prazer divino, que consiste na mais absoluta paz. Ao chamar a Vênus **prazer dos Deuses**, o Poeta refere-a como o próprio princípio construtivo do qual ela é apenas efeito. Naturalmente porque os Deuses são vivos e Vênus é sinônimo de vida. Assim o epíteto, embora possa ter a sua origem ou a sua inspiração na *Ilíada* (I 544) como assinalam alguns estudiosos, está de acordo com o espírito da invocação.

3. **Alma** (v. 2).

Epíteto tradicional da Vênus Criadora, **Alma** reforçaria **Genetrix**. O mesmo epíteto, o Poeta o dá à limpidez fecundante das águas – **liquor almus aquarum** (II 390) – e à fecunda Mãe Terra – **Alma Mater terra** (II 992-3) –.

Seria esta **Alma Venus** a **Venus Physica**, “entre os mortais implantada, pela qual pensam eles coisas de amor, chamando-a Alegria e Afrodite”, como teria dito Empédocles (DK 31 B 17,22-4)? Na verdade, Lucrécio e o seu modelo poético representam ambos a vida através de Vênus, a **Kypri Basilea**, **Alma Venus**, **Genetrix**. Entretanto, Vênus é o prazer, e **Alma Venus** será o “prazer fecundo”, o prazer origem da vida.

4. Enfim, os dois últimos epítetos, **Dea** (v. 6.26.36) e **Diua** (12.28.38), parecem querer arrastar-nos à interpretação religiosa ou mitológica da invocação. Por que o **De rerum natura** chamaria **Dea** e **Diua** ao prazer de Vênus?

Ensinam-nos Ernout & Meillet:

7 – (1950: 591.)

D'une racine *dei-*, "briller" [...] l'indo-européen avait deux formations [...] l'une en *eu-*, désignant le "ciel lumineux", le "jour" (considérés comme des forces actives, divines) [...].

Le groupe d'où est issu lat. *diēs* indiquait le "jour" en tant qu'il est lumineux. [...]

Dius, -a, -um: du ciel, divin; divin; et "lumineux".

Deus, -i [...] m. [...] Ancien dérivé signifiant "lumineux"

[...] Sur **deus** a été aussi bâti un féminin **dea** (la forme ancienne est **diua** que, du reste, la poésie a gardée longtemps comme substantif ou comme épithète [...])⁸.

Ora, parece-me estar af a explicação. O fecundo prazer de Vênus é força ativa, e essa força é vida; e vida é brilho, é luz, é dia. Muito claramente o afirmam os versos 22 e 23 da invocação: sem o prazer nada surge para "as claras regiões da luz" (**dias in luminis oras**). **Dias** tem o mesmo étimo de **Dea** e **Diua** e, assim, é o Poeta quem estabelece a relação e, ao meu ver, explica o emprego destes epítetos.

Das seis ocorrências de **Dea** e/ou **Diua**, quatro têm o sentido de "prazer":

1. verso 6, **Dea**: fogem os ventos à chegada do prazer;
2. verso 12, **Diua**: o prazer é anunciado pelas aves à chegada da primavera;
3. no verso 36, **Dea** é o prazer desejado pelo guerreiro;
4. e **Diua**, no verso 38, é o prazer que pode induzir o guerreiro à paz, envolvendo-o e derramando-se sobre ele.

Nas duas outras ocorrências, **Dea** e **Diua** ultrapassam a noção de prazer:

1. **Dea** no verso 26 é a vida que ilumina e distingue Mêmio;
2. finalmente, no verso 28, **Diua** é a força criativa a expandir-se: Vênus cria e ilumina tudo o que é vivo e também assim a arte.

Na verdade, se no livro II os versos 172-4 distinguem do prazer guia da vida o prazer de Vênus, quer-me parecer que na invocação **voluptas** assume conotações mais amplas: não é só o prazer da **res Veneris** mas, em primeiro lugar, é também o prazer de viver, e nessa medida é prazer dos Deuses (v. 1) e é o prazer que ilumina Mêmio (v. 26-7); em segundo lugar é também o prazer da criação artística.

Que sentido pode ter, então, nos primeiros versos do **De rerum natura**, o hino à **Venus Genetrix**, à **Alma Venus**, Criadora incontestada? À **Venus Voluptas**, que, sozinha, governa a criação e o comportamento dos seres e, sozinha, pode alcançar-nos a paz-ataraxia decorrente do prazer satisfeito? À **Venus Voluptas**, sinônimo de vida?

Se Vênus é o prazer, não será o hino uma exaltação desse prazer, desse poder criador da natureza, poder que se pode transpor para a arte? Não será o hino a Vênus uma exaltação da vida?

Compõe-se o **De rerum natura** de seis livros. Abre-se com o hino a Vênus, prazer que traz a vida. Fecha-se com a peste de Atenas, dor e morte. Esta é a idéia básica no poema, o seu **leitmotiv**: o contraste entre criar e destruir, entre nascer e morrer.

8 - (1967: 175, 1.2; 178,1; 170,2; 171,1 respectivamente).

Dos seis livros do *De rerum natura*, cinco (isto é, exceto o segundo) iniciam-se com o tema da criação; e cinco (isto é, exceto o penúltimo) terminam com o tema da destruição. No próprio hino a Vênus encontram-se primeiro Vênus e depois Vênus e Marte, o prazer e o guerreiro, vida e morte. Na verdade, Vênus e Marte são os nomes da força criadora e da força destruidora da natureza. Como bem o explica Santayana⁹, são o mecanismo que produz e destrói a vida: juntos governam o universo. O guerreiro, muitas vezes, mas não sempre, vencido pela ferida eterna do amor (v. 33-4). Não sempre, não definitivamente.

Mostra-nos o Poeta, no segundo livro, a infinidade dos mundos com a sua perpétua alternância de vida e morte (569-76). Na verdade, os seres vivos, assim como portam em si a vida e o desejo de prazer, portam, igualmente, o germe da destruição (III 964-7). Assim se renova sempre esta suma de seres (II 75-9). A matéria está em equilíbrio. Nada vem do nada (I 150) e nada acaba em nada (I 215-6.262-4) mas tudo se transforma: os pastos em gado, o gado em corpos humanos, e os homens aumentarão as forças das feras (II 875-8). Corpos criam-se e desintegram-se na luta dos contrários. Assim como os movimentos destruidores não podem vencer definitivamente, assim os movimentos que garantem o nascimento e o crescimento dos corpos não podem garantir à criação uma duração eterna (II 569-80).

Ao longo de todo o poema ressalta a oposição entre nascer e morrer. No quarto livro, por exemplo, após descrever os primeiros impulsos do amor natural, descreve o Poeta os perigos do amor paixão: primeiro o prazer, Vênus Criadora; a seguir, deformação, degradação, ruína. E a história da civilização do homem é, no *De rerum natura*, a história de uma inteligência que, com os mesmos recursos e matérias primas, cria artefatos de vida e artefatos de morte. (Ver, por exemplo, V 1289-96.)

Ora, durante muito tempo não se entendeu a presença do relato da peste de Atenas no fim do livro VI. Entretanto, a peste não é, aí, um simples relato histórico; é imagem de dor e morte, sinônimo de fim: a vida começa no prazer e é na morte que termina. E também assim o *De rerum natura*.

Essa é a idéia. Essa a razão do hino a Vênus a iniciar o poema. Não importa que Vênus seja a mãe dos romanos, ou que Marte lhes seja o pai. Não importa que Vênus seja protetora dos Júlios ou dos Mêmios. Nem importa que o Autor do poema estivesse pensando nos seus modelos poéticos, ou que pertencesse à tradição literária invocar Deuses no início dos poemas. A Vênus de Lucrecio nada tem a ver com a *Genetrix* de César, ou com a protetora de Mêmio, e não é a Vênus mitológica nem a Vênus tradicional.

Assim, ainda que desejemos ver no quadro que representam a Deusa e Marte o símbolo da amizade (e sabemos que a amizade é o bem maior no epicurismo), ainda que desejemos ver em Vênus um modelo que deva ser imitado (e sabemos que os Deuses no epicurismo não são os inúteis que pretende Cícero mas são o modelo do comportamento do sábio), ainda assim a Vênus invocada no *De rerum natura* não pode ser senão o prazer: o prazer que desperta o encantamento; o prazer que instila amor, que desperta o desejo. O prazer que pode criar, que pode alegrar os mortais, que pode adormecer, por algum tempo, a guerra.

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

OBRAS ESPECIAIS

- BAILEY, C. **TITI LVCRETI CARI De Rerum Natura**. Oxford, Clarendon [1950].
- BOYANCÉ, P. **Lucrece et l'épicurisme**. Paris, PUF, 1963.
- ID. Lucrece et la poésie. **Revue des études anciennes**, Bordeaux, XLIX: 88-102, jui. 1948.
- ID. Épicure, la poésie et la Vénus de Lucrece. **Revue des études anciennes**, Bordeaux, LXIV (3-4): 404-10, jui.-déc. 1962.
- CONCHE, M. **Épicure: lettres et maximes**. Paris, Éd. de Mégare, 1977.
- ERNOU, A. **LUCRÈCE De la nature**. Paris, "Les Belles Lettres", 1978.
- ERNOU, A. & MEILLET, A. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**. Paris, C. Klincksieck, 1967.
- ERNOU, A. & ROBIN, L. **LUCRÈCE De rerum natura**. Paris, "Les Belles Lettres", 1962.
- GIANCOTTI, F. **Il preludio di Lucrezio**. Messina, G. D'Anna [1978].
- GRIMAL, P. "Le poème de Lucrece en son temps". In: **Lucrece**. Genève, Vandoeuvres, 1977.
- MINADEO, R. Three Textual Problems in Lucretius. **The Classical Journal**, Athens, 63 (6): 241-6, Mar.1968.
- SANTAYANA, G. **Tres poetas filósofos**. Buenos Aires, Losada [1943].

TEXTOS.

- CAVALCANTE DE SOUZA, J. Ed. **Os pré-socráticos**. São Paulo, Abril Cultural, 1973.
- EPICURO (v. Conche).
- LUCRÉCIO (v. Ernout).